

# Rousseau no contraponto da Didática de Comênio

Gilson Luís Voloski

Palavras-chave: didática, método, espontaneidade.

É um pouco estranho pensar a didática a partir de Rousseau, porque seu pensamento se contrapõe à *Didática magna* de Comênio. Este inaugura a Didática na pretensão de um método único e universal, pois visava o ensino de tudo a todos. Considera a criança na medida em que a aprendizagem parte do simples para o complexo, mas a ação tem como centro o ensino do professor. Em Rousseau, a ênfase é deslocada para a espontaneidade da criança, pois ela se move por conta própria no processo de aprendizagem. As abordagens de Comênio e de Rousseau são polos que se intercalam historicamente no desenvolvimento da Didática. Para Castro: “há um significado ambíguo que ora acentua o ensino como modelagem/armazenamento, ora o entende como desenvolvimento/desabrochamento”. (1991, p.22). No seu entendimento, o objeto da Didática continua sendo o ensino com a intenção de “produzir aprendizagem” e “desenvolvimento humano integral”. De um lado, o extremismo provindo da tendência de Comênio resultaria no tecnicismo e na “perda da experiência” do educando (Adorno, 1995, p. 203). O extremo da outra abordagem desemboca no espontaneísmo e no desaparecimento da autoridade do professor. É produtiva a qualidade que provém da relação de tensão aberta entre Comênio e Rousseau. Tensão aberta significa que uma não é mais válida que a outra, mas interdependente. No contexto escolar, o determinante não deve estar nem no ensino modelador nem na aprendizagem espontânea, mas na relação formadora do humano. Contudo, na sociedade contemporânea predomina uma cultura massificadora, por isso o pensamento de Rousseau pode contribuir como contraponto. No *Emílio*, a sensibilidade não é negada, mas cultivada como terreno onde se desenvolve a razão. Nesse sentido, o professor deve evitar formatar a sensibilidade pela ditadura da aprendizagem mecânica, pela imposição de definições padronizadas, em poucas palavras, por um formalismo didático. O devaneio de Rousseau não era

guiado por finalidade, nem objeto de análise, sem determinação de tempo e de espaço, sem “alvo” preciso para ser atingido (1995, p.75). Nesse exemplo, ele faz o contraponto da tentativa de planejar tudo para controlar tudo. Ser espontâneo numa sociedade programada, com papéis estabelecidos, nesse “teatro social”, é correr o risco da “vaia da plateia”, mas também do desencadeamento da crítica e da criatividade. Acredito que a grande contribuição de Rousseau é pensar um processo pedagógico que não se restrinja num método fechado e formal, mas de garantir nas aulas espaço à espontaneidade, momentos de fruição, não como um defeito a ser evitado, mas como algo próprio do processo educativo. Um bom planejamento é indispensável, mas sem a ilusão de prever tudo com precisão, concedendo uma margem para o imprevisto, como algo propriamente humano.

## Referências Bibliográficas

ADORNO, T. *Palavras e sinais: modelos críticos 2*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995b.

CASTRO, A. D. de. A trajetória histórica da didática. In: *Idéias*. São Paulo, Secretaria de Estado da Educação, n.11, p. 17-27, 1991.

COMENIUS. *Didática magna*. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

DOZOL, M. S. Rousseau - Educação: a máscara e o rosto. Petrópolis: Vozes, 2006.

GALLO, Sílvio. Chegou a hora da Filosofia. Disponível em: <http://revistaeducacao.uol.com.br/textos.asp?codigo=12008>. Acesso: set.2009.

ROUSSEAU, J. J. Os devaneios do caminhante solitário. Brasília: **UnB**, 1995.

\_\_\_\_\_. *Emílio ou da Educação*. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.